CRIMIDEIA

Gugu Keller

“Nada é mais subversivo do que pensar.”

1

- Boa noite! Estamos começando mais um *Podcast Maratona de Madrugada*! Eu sou a Tarú e hoje temos a grande honra de receber aqui para bater um longo papo conosco um dos escritores mais comentados do momento, cuja obra recém-lançada tem causado uma enorme polêmica e motivado muitas discussões bastante acaloradas na imprensa e, principalmente, no meio jurídico, havendo até gente que anda querendo prendê-lo por causa do que ele escreveu. Muito boa noite, Zuza Costa!
- Boa noite, Tarú! Muito obrigado pela oportunidade de estar aqui!
- É uma honra para nós!
- A honra é toda minha!

- Bem... Para quem não sabe, o *Maratona da Madrugada* tem a duração de duas horas e meia, tempo esse dividido em blocos separados por mensagens extremamente breves do nosso patrocinador, não mais do que trinta segundos, sendo que, logo após o seu término, o nosso bate-papo já fica integralmente disponível no nosso site, no site da universidade. Então, Zuza... É assim que você gosta que te chame? Zuza?
- Sim. Por favor.
- É um apelido que você sempre teve?
- Sim. Desde criança.
- Estamos juntos nisso então! Desde que me dou por gente todo mundo me chama de Tarú.
- Eu até estranho como me chamam de João Raul.
- Ah! É esse o seu nome? João Raul?
- Sim.
- E por que Zuza?
- Eu tenho um irmão mais novo que, quando era bem criança, mal tinha começado a falar, deu de me chamar assim, sabe?
- De Zuza?
- Sim. Zuza.
- E aí pegou?
- Pois é... Meus pais começaram a me chamar de Zuza, os parentes, os amigos... Eu fui para a escola e também na escola logo eu era Zuza, de modo que assim ficou... Como eu te disse, João Raul já quase me soa estranho...
- Entendi. E acabou se tornando o seu nome artístico então inclusive?
- É. Eu não sou exatamente um artista. Mas achei interessante usar o Zuza, Zuza Costa, para assinar a autoria do livro.

- Certo. É um pouco diferente do meu caso. Tarú tem a ver com o meu nome.
- Como é o teu nome? Desculpe a curiosidade.
- Tainá Ruth. Daí, Tarú!
- Ah, tá! Entendi.
- Mas então me diz, Zuza... Você publicou esse livro... Publicou recentemente, não é isso?
- Fez três meses ontem.
- Certo. E a reação tem sido meio que uma avalanche, não é?
- Pois é. E devo te dizer... Felizmente tem sido uma avalanche!
- Era o que você queria então? Provocar toda essa reação...?
- Olha, Tarú... Não apenas era o que eu queria, como é até natural que todo escritor que publica um livro o queira, mas também o que eu esperava, entende? E creio que toda essa reação é extremamente sadia...! Necessária até!
- Mas tem gente até querendo te prender, Zuza...!
- Pois é... E eu esperava isso.
- É mesmo?
- Sim!
- E você não tem medo de ser preso?
- Não, não tenho!
- Não?
- Não. Por um motivo muito simples...
- Hã?
- Eu sou um homem do direito, Tarú! O direto é a minha vida! O direito é a ciência que eu escolhi para estudar, para trabalhar, para viver! Eu sou apaixonado pela ciência jurídica, entende?
- Nossa! Que bonito ouvir você dizer isso assim, com essa empolgação...!

- É. E é verdade, sabe? É a minha verdade! De modo que, como jurista, como estudioso do direito, eu tenho plena convicção de que não há nenhum cabimento nessa coisa de quererem me prender...!
- É um delegado, não é? Que disse que ia pedir a sua prisão e tal...?
- Exatamente! Disse que vai me intimar para depor e, eventualmente, pedir a minha prisão. Mas eu duvido muito que algum juiz concorde com ele...!
- E esse delegado diz que pretende te prender justamente devido ao seu livro? Ao conteúdo do seu livro?
- Exatamente!
- Bom... E, além desse delegado, que disse que quer te prender e tal, tem também muitas outras pessoas que estão concordando com ele, não é isso?
- Pois é... Esse delegado, justamente por ele ser delegado, foi quem acabou por dizer na imprensa que pretendia tomar uma atitude efetiva de pedir a minha prisão e tal, mas, sim, tem muito mais gente dizendo que concorda com ele, que o livro é um absurdo, que eu tenho mesmo de ser preso e por aí vai...
- Pessoas também da área do direito? Ou da polícia?
- É claro que as pessoas que tem um conhecimento jurídico um pouco mais apurado, coisa que infelizmente parece não ser o caso desse delegado, a mim o que mais me parece é que ele gosta de aparecer na mídia... Mas também, fazendo um breve parêntese, é claro que para a imprensa, sobretudo a mais sensacionalista, essa ideia de que eu eventualmente possa vir a ser preso por causa do livro acaba sendo um prato cheio, entende?
- Hã...

- Mas as pessoas mais cultas juridicamente sabem muito bem que, como eu te disse, não faz o menor sentido eu ser preso por causa disso...!
- Bom, Zuza... Vamos então falar sobre o conteúdo do seu livro, que tem causado toda essa polêmica?
- Sim, claro! Vamos lá...
- Nós sabemos que muita gente já leu o livro, pois, além de criar toda essa polêmica, e talvez até por causa disso, ele tem sido um grande fenômeno de vendas, não é isso?
- Sim. Felizmente.
- E muita gente que já leu o livro está na audiência do nosso podcast hoje! Nós sabemos disso porque muitas perguntas inclusive foram previamente enviadas para que eu as faça a você no decorrer do nosso papo...
- Será um prazer responder a todas!
- Mas também temos certamente muita gente que não chegou a ler o livro nos acompanhando...
- Claro.
- Você se importa, Zuza, em fazer um apanhado daquilo de que o livro trata para que essas pessoas que não chegaram a ler também possam acompanhar e entender toda essa polêmica que ele tem provocado?
- De modo algum. Muito ao contrário! Será um prazer...!
- Legal!
- Vamos lá...!
- Pois bem... O título do seu livro é “Crimideia”, certo?
- Sim! “Crimideia”!
- E esse título foi inspirado por um grande clássico do século XX, não é isso?
- Sim! Isso!

- Falamos do consagradíssimo “1984”, de George Orwell, certo?
- Certo! Consagradíssimo e maravilhoso! Um dos maiores romances de todos os tempos! E tristemente ainda bastante atual!
- E qual é o significado da expressão “crimideia” no 1984?
- Então... O 1984, para quem não chegou a ler, e eu aproveito para recomendar a todos que o leiam, é um clássico imperdível...
- Hum-rum. Também recomendo muito!
- O 1984 narra a história distópica de uma ditadura horrenda na qual as pessoas não podem nem sequer pensar nada que seja contra o governo que está no poder...
- É muito louco isso, não é? Não é que não possam fazer ou expressar nada contra o governo... Não podem nem sequer pensar!
- Exatamente! E o que é o “crimideia” na história? É justamente o crime que alguém comete quando pensa algo que é considerado subversivo, que vai contra o governo...
- E na realidade do livro, do “1984”, as pessoas são o tempo todo vigiadas, não é isso?
- Sim. O tempo todo. Em toda parte há câmeras que vigiam as pessoas, de modo que, pelas suas atitudes, caso elas de algum modo demostrem qualquer coisa que possa indicar que elas pensam algo contra o governo, elas podem ser acusadas de “crimideia”...! Aliás, creio que até vale um pequeno aparte, Tarú, se você me permite, um, digamos, momento cultural...
- Claro! Por favor!
- É que hoje nós temos na televisão esse programa de grande audiência, o Big Brother...
- Ah, sim! O Grande Irmão, não é?

- Exatamente! Creio que vale o registro, para quem eventualmente não saiba, que o título do programa também, assim como o título do meu livro, foi inspirado no "1984"...!
- Sim, sim! Vale muito o registro! O Grande Irmão é o líder desse governo distópico que controla tudo no "1984", não é?
- Sim. E é ele, o Grande Irmão quem na história está por detrás das teletelas, que são as câmeras que por toda parte vigiam todo mundo o tempo todo...!
- E "Big Brother" nada mais é do que "Grande Irmão" em inglês!
- Exato! O Grande Irmão está sempre de olho. E é impetuoso com quem comete um "crimideia"...!
- E quem comete "crimideia" é eliminado, não é isso?
- Mais até do que eliminado! Conforme a tradução, a pessoa é considerada "impessoa" ou "despessoa".
- E aí é como se ela nunca tivesse vivido...
- Exatamente! A pessoa é eliminada. Desaparece. Assim como desaparecem todos os registros de que algum dia ela viveu, e ninguém nunca mais pode nem falar o nome dela.
- Muito louco! Muito louco mesmo!
- Ah! Uma concepção brilhante de um grande gênio da literatura...!
- E aí você escreveu esse livro, o "Crimideia", como uma crítica à nossa justiça, para mostrar que ela, a justiça, não pode, ou, ao menos não poderia, na sua visão, condenar alguém por aquilo que pensa, é isso?
- Exato! Inclusive, Tarú, se você me permite, eu acredito que é bastante importante desde já esclarecer que o "Crimideia" foi inspirado num episódio recente. Um episódio de alguns meses atrás. Um ano atrás mais ou menos...
- Um episódio?

- Sim. Um episódio jurídico, entende?
- Hum...
- Um episódio jurídico que também se tornou um grande fato jornalístico...
- Qual, Zuza?
- O caso daquele empresário gaúcho que numa entrevista se disse racista e acabou sendo condenado por isso. Condenação esta recentemente confirmada em segunda instância, conforme foi amplamente noticiado...!
- Ah, sim! Claro! Como é mesmo o nome dele? Elman...? Hel1man...?
- Hellman. Mário Hermann Hellman.
- Sim! Isso! É um nome até peculiar, não? Hermann Hellman...!
- Sim. Tem uma sonoridade curiosa.
- Nossa! E o "Crimideia" foi então inspirado no caso dele?
- Totalmente!
- Por que, Zuza?
- Porque eu acredito que foi exatamente por isso que ele foi condenado! Por um "crimideia"! Na exata concepção do "1984"!
- Mas ele não disse é racista?
- Disse.
- E isso não é crime, Zuza?
- Não. Não é.
- Não???
- Não. Eu pelo menos tenho convicção de que não. E com o quanto eu escrevi neste meu livro, o "Crimideia", eu acredito ter deixado claro, ao menos para quem seja minimamente entendedor, que não. Definitivamente não!

- Mas o racismo é crime, Zuza! Tantos e tantos casos nós infelizmente temos visto por aí...!
- Sim. Mas aí é que está o cerne da questão, Tarú...
- Hum?
- O racismo é crime quando praticado. Mas uma pessoa que se diz racista não comete nenhum crime se não praticou nenhum ato racista, entende a diferença?
- Ah, entendi! Então você acredita que esse homem, Hellman, não praticou nenhum ato de racismo. Ele apenas disse que é racista, e isso, na sua visão, não seria crime...
- Exatamente! Até porque, a menos que alguém me corrija, ninguém o acusou de ter praticado nenhum ato de racismo. Ele apenas, "apenas" entre aspas, se disse racista!
- Mas você acha que isso é pouco, Zuza? Nos dias de hoje a pessoa se dizer racista?
- Não é uma questão se achar que isso é pouco ou muito, Tarú. Você tem que raciocinar juridicamente, afinal estamos falando de uma condenação criminal, ou seja, algo que pode custar a liberdade de alguém...!
- Sim...
- Deixe-me então, já entrando um pouco na ideia do meu livro, fazer uma analogia...
- Hã...
- Você chegou a ler o meu livro?
- Por respeito não apenas a você mas também aos nossos ouvintes, eu vou ser sincera, tá?
- Claro!
- Eu soube anteontem que você viria aqui. E aí eu peguei o livro para ler. Mas não cheguei a terminar.
- Ok! Obrigado pela sinceridade. Quanto você leu mais ou menos?

- Passei um pouco da metade. Você escreve muito bem!
- Muito obrigado! De todo modo, se você leu mais da metade, está ótimo... Dá para nós pensarmos juntos...
- Certo.
- Se você leu mais da metade, sabe muito bem do que trata o livro...
- Ah, sim! Eu agora até peço desculpas por ser novamente sincera, mas estou achando muito louco, Zuza...! Muito bom! Mas muito louco! É verdade o que você diz lá?
- Antes que eu responda isso, diga então para os ouvintes, Tarú, do que se trata o meu livro...
- Bom... É um livro autobiográfico em que você confessa ser um assassino. Você confessa ter matado oito pessoas. Cinco mulheres e três homens, não é isso?
- Exatamente!
- E já tem até, como dissemos no início, um delegado querendo te prender por causa disso...!
- Exatamente! Exatamente isso! Só que esse delegado, e nem nenhum delegado ou qualquer outra autoridade pode me prender, Tarú!
- Então, Zuza... Eu vou te perguntar com todo o respeito...
- Por favor!
- Você disse agora há pouco, no início da nossa conversa, com toda convicção que não faria nenhum sentido esse delegado, ou qualquer outro, querer te prender... Mas por quê? Será que ele não tem razão? Eu não li o livro até fim... Não sei se tem alguma coisa que mude a história depois... Mas, se você confessa ter matado oito pessoas...? Matou mesmo?
- Sim. Matei.
- Matou por quê? Que o livro, ao menos até onde eu li, não chega a dizer isso...

- Matei por motivos diversos. Cada caso foi um caso. Mas principalmente por diversão!
- Diversão?!?
- Sim! Diversão e vício!
- Diversão e vício?!?
- Pois é... Eu descobri que matar vicia...!
- É mesmo?
- Sim. Inclusive, quando comecei a escrever o livro, o título seria "Matar Vicia". Depois, pensando no "1984", eu acabei chegando á conclusão de que "Crimideia" faria mais sentido.
- Tá! Tudo bem... Entendi. Mas então me diga... Se você confessa ter matado oito pessoas, cinco mulheres e três homens, não?
- Exato!
- Se você confessa isso, por que você acha que não pode ser preso?!? Com o perdão da sinceridade mais uma vez, eu acho que esse delegado está certíssimo... Você não apenas pode como deve ser preso!
- Tá! Tudo bem! Mas agora me diga... Quem eu matei?
- Não sei. Até onde eu li, o livro não chega a dizer.
- Então deixe-me dizer... Mesmo que já o tivesse lido inteiro, você não saberia.
- Por quê? Você não diz no livro quem eram essas pessoas?
- Não.
- Mas... Mas... Mas então...
- Por essas suas reticências, vejo que você começa a entender, Tarú...
- Então você apenas confessa que matou as oito...? E que as matou por diversão... Por vício... Que viciou-se em matar...
- Hum-rum.
- Mas não diz quem?!?

- Nem quem, nem como, nem onde e nem quando. Apenas confesso que matei.
- Zuza! Isso é muito louco!!!
- Estou certo ao pensar que você começa a entender?
- Por isso que você afirma que o delegado não pode te prender?!? Por que ele não sabe quem você matou?!? E nem como, nem onde e nem quando?!?
- Exatamente! E aí eu te pergunto... Ele vai me acusar da morte de quem?
- Nossa, Zuza! Agora você fundiu a minha cabeça...!
- Um bom livro, minha cara, e nem sei se o meu o é, deve ter justamente esse objetivo... Fundir as cabeças!
- É... Vejo que você parece o ter atingido...
- Fico grato com as palavras!
- Tá... Vamos raciocinar então...
- Vamos...
- O tal do Hellman assumiu que é racista?
- Sim.
- E foi condenado por isso?
- Sim. Foi.
- Mas você diz que ele não deveria ter sido condenado porque ele apenas, "apenas" entre aspas, disse que é racista...? Ele não cometeu nenhum ato de racismo...?
- Não se tem nenhuma notícia de que tenha cometido. Tem?
- Que eu saiba, não.
- Pois é... Ele não injuriou nenhum negro, não cometeu nenhum ato discriminatório, não menosprezou ou levantou qualquer suspeita contra alguém por esse alguém ser negro... Não cometeu nada daquilo que diz a famosa placa que perto dos elevadores advertindo sobre a pena que se impõem em caso de alguma ocorrência desse tipo... Ele apenas, esse